

Famílias sobreviveram à derrubada

Jorge Cardoso

Tapados de terra vermelha, centenas de homens, todos os dias, paravam por alguns minutos de tocarem as obras da nova capital para encherem de conversas e risadas o grande salão do SAPS (Serviço de Alimentação Popular). Até Juscelino, dizem, aparecia por lá, mas com o cuidado de levar os talheres. Um dia todos foram embora e o grande restaurante virou abrigo de uma família. Depois duas, três, até que a Terracap tirou todas elas e derrubou tudo. Uma parte da história candanga estava apagada, mas a invasão sobreviveu.

Quem assistiu esta história toda, da porta de sua casa, foi Edna Mota Fernandes, que fala dos azulejos pintados com peixes, ao lado da letra da música preferida de JK. E ela canta para lembrar: "Como pode o peixe vivo viver fora da água fria/ como poderei viver...". Do restaurante restam uma chaminé, parte do piso e uma parede onde Santos apóia sua pequena casa e uma oficina de esquadrias metálicas.

Mas autoridade mesmo para falar da Cidade Livre tem dona Lia Costa, 68 anos, cinco filhos e moradora da rua dos Engenheiros, nº 14, desde 1958. "Sou do tempo em que se podia deixar a casa com as portas abertas que ninguém entrava", diz com saudade, para exagerar depois: "Acho que mesmo que



Dona Lia não se esquece dos tempos em que a cidade era segura

se deixasse dinheiro no portão, ninguém pegaria". Não que a Cidade Livre fosse habitada por loucos, que não gostassem de dinheiro, mas a segurança era boa, garante dona Lia. "Os soldados deviam batidas nos acampamentos e chegavam a recolher até três sacos de armas num dia". A teimosia da pioneira em não deixar a casa impediu que o conjunto em madeira fosse derrubado.

Menos privilegiada é a moradia de Marina Barnabé, há cinco

anos acomodada no cofre pelo CDS (Centro de Desenvolvimento Social), enquanto espera um lote. Duas pequenas aberturas de 30 centímetros de diâmetro poderiam até ser exageradas para ventilar o dinheiro da União, mas insignificante para a respiração de Marina e o marido e dois filhos, quando a porta está fechada. "Fica um pouco abafado mesmo", confessa ela entre quatro paredes de 40 centímetros de espessura, em concreto, abaixo do solo.